

UM POLÍTICO

Agora, que ser político e homem de Estado é ser intriguista de questões pessoais; agora, que a política é uma luta em que se não vêem ideias, para decidir quem empalmará por meios ignóbeis o maior instrumento de corrupção social, para roubar os outros nas eleições, — agora, recordemos palavras de Oliveira Martins sobre um verdadeiro político português, que foi Anselmo José Braamcamp.

Inter viburna, cupressus. É assim que se levanta, serena, luminosa, impassível e sorridente, a figura de Anselmo Braamcamp. Cada ano que passar sobre o da sua morte, o escôpro e o buril do tempo, que é o grande estatuário, hão-de acentuar mais e mais os traços da escultura, fazendo renascer para a memória o homem que morreu para a vida. Esta é a verdadeira imortalidade.

Nunca é de mais, pelos tempos que vão correndo, proclamar bem alto que a abnegação, o civismo, o sacrifício, existem ainda nos nossos dias: não são apenas frases sonoras para ilusão dos simples e escárneo dos interesseiros.

Há gente que nasceu boa, que boa tem de ser, e compassiva para com os grandes pelotões — dos indiferentes á direita, dos egoistas á esquerda; dos descrentes, de um lado, dos que só crêem no seu interesse, do outro lado. Os abstencionistas por dignidade, os abstencionistas por indolência, os ricos, os que não *querem saber*, e fazem gala disso, vejam-se na figura dêste homem que era rico e simples, nem cubiçava ouro, nem fama, nem honras, e deu á pátria o socêgo dos seus anos, arriscou por ela os seus haveres, sacrificou-lhe a velhice, e pode dizer-se que lhe imolou a vida — vejam-se, e não se queixem senão de si próprios, quando lamentarem o desbarato da república e a mesquinhez dos seus governantes.

Não basta na vida duma sociedade livre seguir á risca o preceito de Horácio; é necessário mais. Quando os bons se arredam, deixam franco o caminho aos maus. É necessario não abandonar o posto, apesar do asco, porque o soberano remédio contra o nojo está no desdém. É necessário teimar, combater, ainda na quási certeza de se ser vencido, porque muitas vezes vence-se, e, quando se não vença na estacada, fica-nos esta vitória imarcessível do sentimento do dever cumprido, da paz da consciência; e fica também o exemplo, fica a lembrança, deitada na gleba do tempo, como semente que a aragem fecunda da opinião fará germinar um dia. Não há obras vãs: nem as do mal, nem muito menos as do bem.

Contaram há um ano os jornais os traços da vida pública de Anselmo Braamcamp, que pode dividir-se em cinco períodos distintos.

No primeiro, em 1846-7, Braamcamp é o revolucionário que, ao lado de Sá da Bandeira, em Setubal, dirige as honrosas negociações com os aliados; o homem que trocou os ócios da vida opulenta e fidalga, aos trinta anos, cortando de vez o posto adquirido na magistratura, para ir de aldeia em aldeia, por devezas e azinhagas, distribuindo armas, concitando os povos contra uma tirania odiada.

No segundo, em 1862-4, é o político hábil que suprimiu abruptamente a questão religiosa, expulsando as irmãs da caridade; que aboliu os passaportes no interior do reino; que refundiu e ampliou a instrução pública; que fundou a *medalha do trabalho*, instituição desprezada pelos sucessores e que devia garantir aos pobres, cuja miséria incessante faz a nossa riqueza e o nosso bem estar, os subsídios para a velhice e para a orfandade; é finalmente o reformador audaz que aboliu os vínculos, escapados ao machado abençoadamente demolidor de Monsinho da Silveira; êsses vínculos que desde o século XIV, a par com a embriaguez oriental, foram os réus da desordem da economia portuguesa e a expressão do vício mais fundo do nosso temperamento — a fidalgaria aparatosa.

No terceiro, em 1870-1, é o administrador prudente que, encontrando uma crise financeira declarada, a debelou à força de lealdade, de franqueza, e achando o tesouro na sua situação crônica de um *deficit* da terça parte das receitas, investiu de frente com o problema e propôs o conjunto de medidas mais completo e tão prático que os tempos posteriores vieram a reproduzi-las. Era a reforma da contribuição predial, substituindo a repartição pela quotidade; era a criação das juntas concelhias, a revisão decenal das matrizes; era a contribuição pessoal complementar; era a caixa das aposentações, que só agora veio a tornar-se um facto, dezasseis anos mais tarde.

A honradez intemerata, a dignidade impassível, a inteligência lúcida, a habilidade comprovada do novo ministro da fazenda, teriam resolvido a questão financeira, que se agravou todos dias nestes dezasseis anos posteriores, se o episódio trágico da *saldanhada* do 19 de maio de 1870 não tivesse vindo derrubar intempestivamente o ministério.

¿Do quarto período quem se não recorda? ¿Quem se não lembra dessa época atribulada de 1879 a 81, em que Braamcamp, no seu posto do ministério dos estrangeiros, defendeu palmo a palmo a honra nacional duas vezes ofendida pelos regeneradores que, depois de celebrarem os tratados de Lourenço Marques e da Índia, aliados aos republicanos, faziam dessas vergonhas armas contra os adversários, em tumultos, comícios e desordens — duas vezes ofendida pelos ingleses e pelos regeneradores que um ministro astuto, transformara em instrumento das suas ambições? ¿Quem ignora a fúria, o despeito, a raiva de Morier, êsse em quem aparecia uma recordação de Beresford e dos pro-cônsules que a Inglaterra noutro tempo mandava a esta sua dependência ocidental?

Do quinto período, finalmente, da guerra implacável ao Fontismo corruptor e dissipador, não é mister falarmos.

Contaram há um ano nos jornais pouco mais ou menos isto. Não é porém inútil lembrá-lo.

Não contaram todavia que o ministro britânico, honra lhe seja, depois de vencido, declarava publicamente que na sua carreira diplomática nunca encontrara espírito mais fixo, inteligência mais lúcida, negociador mais hábil, nem também honestidade mais inquebrantável... porque é um êrro, muito vulgar hoje supôr que os homens de caráter são por força inábeis e que a perspicácia é condão exclusivo dos velhacos.

Inteligente, hábil, honrado, foi a um tempo Anselmo Braamcamp; mas por sôbre tudo isso foi heróico. Os médicos exigiam dêle abertamente que se demitisse: matava-se no posto de honra que defendia; mas êle, calado, sereno, sorrindo fleugmático e impassível, sofria as dôres cruciantes da doença, e, mais bravo do que o soldado ao assaltar a brecha, no ardor da luta deixava-se ir morrendo, extenuado pelas crises, inspirado pela clara e alegre compreensão do seu dever. E Lourenço Marques foi que o matou.

A própria vida, porém, vale para muita gente menos que o dinheiro. Pois Braamcamp imolava a sua vida, depois de ter sacrificado a sua bolsa. Nos apuros da crise financeira de 1869, quando em

volta do tesouro os bandos das harpias, farejando cadáver, eram mais densos e mais negros, o ministro enviou alguém em missão financeira ao estrangeiro, e êsse alguém, ao voltar, apresentou a conta das despesas: sete contos de reis. Braamcamp pagou do seu bôlso.

Depois, as circunstâncias prementes ameaçavam de um instante para o outro com a bancarrôta. Havia letras a pagar no valor de centenas de contos; não havia um real, e os judeus de Londres exigiam por um empréstimo preços exorbitantes. Com a mesma serenidade, com a mesma fleugma, Braamcamp tomou da pena e subscreveu as letras com o seu nome de particular, arriscando de uma vez mais tudo quanto possuía.

Era pois hábil, sem deixar de ser honrado, e da honradez subia mais alto, mais alto ainda, até ao heroísmo da abnegação. Donde se vê que entre a habilidade e a velhacaria há um abismo. Também o cedro altaneiro, entre as sarças da floresta, tem ramos que descem ao nível do chão; mas descem...

A sua alma, a sua nobreza e o seu império estão na cópa que desafia serenamente as núvens, banhando-se em pleno sol, distribuindo por sôbre a rasteirice das moitas um murmúrio desdenhoso, que o vento ao passar desfere e de que apenas são confidentes as aves que voam no ar, cantando.

Olhemos todos para o alto, e tomemos coragem nos exemplos que de lá veem!

OLIVEIRA MARTINS

■ ■ ■ ■ ■

SINAL DOS TEMPOS

Um deputado nacionalista, *sub-leader*, crêmos, declarou, *em nome do seu partido*, que, ou as outras oposições contra o partido democrático derubavam o govêrno, votando a moção apresentada, ou não o derrubariam depois com os votos do partido nacionalista. A que extremos pode chegar a moral política! Antes de um govêrno praticar qualquer acto, um partido apresenta uma moção de desconfiança, o que é compreensível; mas, se não triunfa essa moção, bandeia-se com o poder, prometendo, pratique o ministério os actos que praticar, possivelmente tropelias e desmandos, colocar-se a seu lado, ou desinteressar-se de o derrubar, êle que inicialmente o repudiava! Onde estão os princípios? para que servem? a que impudores dementados chegamos nós? Por que estranha metamorfose os propagandistas, os idealistas de há vinte anos, se transformaram neste pululamento parasitário de pigmeus, que nos fazem corar de vergonha e se mostram capazes de nos arrancar a pele? — C. R.